

Divergências no setor financeiro

por Antônio Felix
de São Paulo

Os participantes do grupo que analisou o setor financeiro terminaram os trabalhos com consideráveis divergências sobre o desempenho e a estrutura do mercado. Houve consenso de que os lucros dos bancos, no momento, estão mais altos do que o recomendado; que houve uma crescente participação do setor de intermediação financeira no PIB ao longo da década de 70, embora esta participação, medida pelo patrimônio líquido do setor financeiro privado em relação ao PIB, tenha decrescido; que há excessiva dose de intervenção do governo (participando do mercado de crédito, determinando aplicações compulsórias a taxas subsidiadas, controlando a ex-

pansão do crédito e dirigindo, de fato, todos os mecanismos financeiros); e que a não participação de empresários de outros setores nos conselhos dos bancos, em decorrência de exigência legal, levou a uma cisão entre banqueiros e empresários de outros setores, o que estaria inflando no aprofundamento de divergências.

Entretanto, houve discordância em relação a alguns aspectos relevantes. Um deles foi a idéia, sustentada por um dos participantes, de que o setor financeiro é oligopolizado, favorecendo os altos juros e os elevados lucros dos bancos. Contra a afirmação argumentou-se que países europeus possuem maior concentração. Nos Estados Unidos, onde há cerca de 19 mil bancos, os estados mais desenvolvidos são aqueles que apresentam um número reduzido de grandes bancos.

OS LUCROS

A tendência em relação aos lucros dos bancos para este segundo semestre foi, também, objeto de divergências, embora os participantes concordassem em que a política do governo será, provavelmente, mantida. De um lado, afirmava-se que a expectativa continua sendo de juros altos e lucros maiores para os bancos. De outro, segundo o ponto de vista divergente, a política governamental fará com que se tenha, no segundo semestre, tendência declinante dos lucros dos bancos, a exemplo do que se observou no primeiro semestre.

No caso das companhias de seguro, a rentabilidade também tem sido boa em razão, principalmente, das aplicações financeiras, segundo constatou o grupo de trabalho que analisou o desempenho do setor. Em termos de crescimento, observou-se que a arrecadação de prêmios se vem expandido a taxas inferiores às da inflação. Atualmente, os resultados industriais das seguradoras são negativos. Os valores segurados não são corrigidos de acordo com os índices de inflação, o que em parte decorre de dificuldades conjunturais. Como o seguro é também poupança, concluiu o grupo, sofre igualmente os efeitos negativos da inflação.

Além dos aspectos conjunturais, alguns problemas estruturais colaboram para que o setor não consiga manter o crescimento experimentado na década passada. Como o mercado é altamente regulamentado e as tarifas são determinadas pelo governo, passa a existir uma concorrência predatória na comercialização, com as empresas criando vantagens adicionais para a colocação do seguro. Sugeriu-se, por isso, que o custo de comissão seja liberado para que as companhias trabalhem de forma mais realística.

Os participantes do grupo, porém, divergiram em alguns pontos. Um deles foi o das tarifas, que para alguns seriam demasiadamente altas. Esclareceu-se, porém, que as tarifas podem ser altas em relação a mercados mais desenvolvidos, que dispõem de massa maior de recursos e, portanto, de outra escala de operações.

A presença dos bancos no mercado foi, da mesma forma, bastante discutida. De um lado, argumentou-se que o seguro não é atividade financeira e que a imposição da compra de seguros para a obtenção de empréstimos bancários contribui para a deterioração da imagem do produto. A favor dos bancos, afirmou-se que a participação da rede bancária resultaria em menores custos de comercialização do seguro.